

Busca intensa no Paranoá

Bombeiros reforçaram equipe ontem e usaram até cães para ajudar no trabalho. Tanto as duas irmãs quanto a embarcação não foram encontrados

» SAULO ARAÚJO
» FLÁVIA MAIA

O Corpo de Bombeiros iniciou o dia de ontem disposto a localizar as duas irmãs desaparecidas desde a madrugada do último sábado, quando a lancha em que elas estavam a bordo, com outras nove pessoas, afundou num dos pontos mais profundos do Lago Paranoá, próximo ao Brasília Alvorada Hotel, no Setor de Clubes Norte. O aparato empregado pelos militares foi grande: três barcos de resgate, dois jet-skis, um helicóptero, além de dois cães farejadores e 28 mergulhadores. As buscas foram retomadas às 6h40 e duraram até as 18h55, com os mergulhadores. Mas, apesar do esforço, eles não conseguiram localizar, até o fechamento desta edição, as recepcionistas e moradoras de Taguatinga Liliane, 18 anos, e Juliana Queiroz de Lira, 21.

A provável região onde a embarcação naufragou dificulta a ação dos bombeiros. Os 25 metros de profundidade, a quantidade excessiva de troncos e a água turva do fundo do lago, que torna a visibilidade precária, compõem o quadro enfrentado pelos bombeiros. Para auxiliar nas buscas, eles usaram dois labradores, que são capazes de detectar odores de cadáveres mesmo submersos. Por volta das 11h30, um dos cachorros se agitou ao passar por um ponto. Os militares mergulharam, mas não encontraram nada. O comandante operacional da corporação, coronel Rogério Soares, acredita que hoje as chances de sucesso na operação serão maiores. "Dependendo da temperatura da água, um corpo pode boiar de 48 a 72 horas", afirmou Rogério.

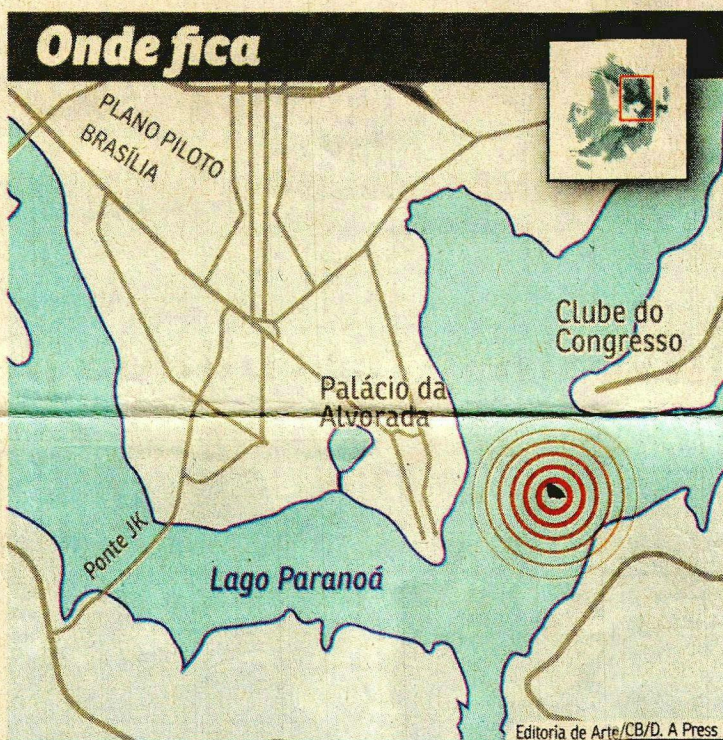
Prioridade

O comandante do 1º Batalhão de Busca e Salvamento, tenente-coronel Willeman Costa da Silva, e seus homens vasculharam uma área de 500 metros. "É uma tarefa que exige muito do profissional", explicou o oficial. A prioridade dos bombeiros é resgatar as irmãs, mas eles estão cientes que outra dificuldade os espera: içar o barco do fundo do lago. De acordo com o coronel Rogério Soares, algumas boias serão presas à embarcação e

Cadu Gomes/CB/D.A Press



O Corpo de Bombeiros passou o dia de ontem com suas equipes no Lago Paranoá e nada encontrou nas águas turvas: o trabalho segue hoje



infladas, fazendo com que o veículo flutue. A localização da embarcação chamada Front Rool poderá ajudar a esclarecer de vez as causas do acidente, que é um dos mais

graves já registrados na história de Brasília. O delegado-fluvial da Capitania dos Portos do Distrito Federal, o capitão de corveta Rogério Leite, da Marinha, afirmou que

Policiamento

O Pelotão Lacustre é uma Subunidade da Companhia de Polícia Militar Ambiental (CPMA). Criado em dezembro de 1990, tem como missão realizar um policiamento aquaviário e terrestre com o objetivo de coibir qualquer tipo de delito que possa ocorrer na área do Lago Paranoá. O apoio a eventos culturais e esportivos realizados nas águas do lago também fazem parte do trabalho do pelotão.

muitas dúvidas podem ser respondidas com a perícia no barco. "Temos 90 dias para concluir o inquérito. Obviamente que a localização da embarcação nos ajudará a esclarecer como mais precisão o que causou esse acidente", disse.

Segundo depoimentos das vítimas, o acidente ocorreu por volta das 3h30 de sábado, perto do Palácio da Alvorada (veja Onde fica). A lancha de 18 pés saiu da QL 15, do Lago Norte, onde ocorria um churrasco, com um grupo de 11 pessoas e seguiu para a Ponte JK.

Na volta, naufragou. A Marinha diz que a embarcação tinha capacidade para sete pessoas. A Delegacia Fluvial abriu inquérito assim como a Polícia Civil para apurar o caso. Hoje, chega a Brasília um scanner (aparelho rastreador) para ajudar nas buscas no lago. O equipamento desce a até 44 metros de profundidade.

O Pelotão Lacustre da Polícia Militar ajudou a resgatar uma das vítimas. O cabo Ricardo Santana contou que, após tomar conhecimento do acidente, ele e outros policiais saíram em direção ao local do naufrágio, quando se depararam com um dos rapazes que estava no barco nadando, já quase sem forças. "Ele já estava com câimbra e com muito frio. Acho que chegamos na hora certa, pois estava bastante fraco. Nós o aquecemos e terminamos o resgate em terra, deixando-o sob os cuidados do Corpo de Bombeiros", contou. Segundo Santana, sua equipe recolheu próximo ao jovem algumas taças, garrafas de bebida alcoólica, entre outros objetos, que ele acredita ser do barco afundado.